

10. Enfermidade

Enfatizei o termo "fragilidade – *fragilitas*" porque nos ajuda a compreender a misericórdia pedida ao abade e à toda comunidade. Mas este termo é usado apenas uma vez na Regra, e vale a pena estudar os outros termos, com os quais, São Bento define a nossa fragilidade humana, que precisa de misericórdia e, portanto, nos ajuda a sermos misericordiosos com os outros.

O termo que São Bento utiliza, mais frequentemente, para falar de fragilidade é o termo *infirmitas*, enfermidade, e o adjetivo, *infirmus*. O substantivo do termo, designa os doentes, enfermos.

A etimologia é clara: é uma falta de "*firmitas*", de firmeza, isto é, uma falta de estabilidade, força para estar de pé, para caminhar, de uma fraqueza de constituição, um não poder "estar". Mais que uma ideia de tendência a se quebrar, como no termo "fragilidade", se trata de uma tendência a cair.

O capítulo 36 da Regra utiliza, evidentemente, muitas vezes o termo para designar os enfermos. Os enfermos, ou em geral, os mais fracos de força e saúde, são mencionados também em outros capítulos, para que se leve em consideração sua fraqueza no distribuir os bens, alimento ou trabalho (RB 31,9; 34,2; 39,1; 40,3; 48,24-25; 55,21). Mas antes de tudo, no capítulo 4 sobre os instrumentos das boas obras, São Bento menciona a visita aos enfermos – "*Infirmum visitare*" (4,16) – na lista de algumas obras de misericórdia.

Notemos, no capítulo sobre o cuidado com os enfermos, que São Bento pede um reconhecimento especial do próprio Cristo neles: "Ihes sirva como verdadeiramente ao Cristo – *ut sicut revera Christo, ita eis serviatur*" (RB 36,1). Reencontramos, então, o tema da fragilidade de Cristo, da fragilidade que Deus fez sua no Filho encarnado e crucificado, que confere uma dimensão sagrada a todas as fragilidades e pobreza humanas. No enfermo, como em todas as nossas fragilidades, Cristo nos pede para reconhecê-lo e amá-lo, como quando pediu amor à Pedro: "Me amas?" (Jo 21). A misericórdia para com os outros – e voltaremos sobre este tema – é uma forma de reconhecimento de Deus, uma forma de adoração, aquela que Jesus Cristo veio nos pedir, e continuar a pedir, em cada irmão e irmã que precisa do nosso cuidado, da nossa atenção à sua miséria, do nosso apoio à sua enfermidade. Neles somos convidados a reconhecer e amar, a fragilidade que Cristo fez sua, na Cruz.

No capítulo 34, onde se trata da distribuição a cada um do necessário, São Bento pede para não se deixar levar pela simpatia, mas pela necessidade de cada um. O critério para dar mais é a "consideração da enfermidade – *infirmorum consideratio*" (34,2). E acrescenta um pensamento importante para a vida de cada comunidade: "Quem precisar de menos dê graças a Deus e não se entristeça por isso; quem precisar de mais, humilhe-se em sua fraqueza e não se orgulhe por causa da misericórdia que obteve. E, assim, todos os membros da comunidade estarão em paz" (34,3-5).

Levar em conta a fragilidade é, portanto, um ato de misericórdia. Esta consciência deve dar paz a todos, porque quem recebe mais, sabe que não é por merecimento seu, mas porque precisa. A misericórdia deve nos tornar humildes. Quem recebe menos não deve ter ciúme, mas deve se alegrar, louvando a Deus, por já ter recebido mais que os outros.

Em poucas linhas, São Bento retoma aqui a situação dos dois filhos do pai misericordioso de Lucas 15. Aquilo que deve criar paz entre os irmãos, é a consciência que a misericórdia do Pai, sempre considera as reais necessidades de cada um, e quem recebe menos é apenas porque o Pai já lhe deu tudo: "tudo aquilo que é meu, é teu" (Lc 15,31).

A mesma ideia São Bento retoma, no capítulo 55, quando fala da distribuição das roupas. O Abade deve dar segundo as necessidades de cada um, e "considere as fraquezas dos que precisam (*consideret infirmitates indigentium*), e não a má vontade dos invejosos" (RB 55,21).

No fundo, a misericórdia feita aos nossos irmãos e irmãs, deve nos lembrar também que o que temos mais que os outros, isto é, a força e a saúde física ou moral, é um dom que a misericórdia de Deus nos deu, e que nos esquecemos de dar graças. Aquilo que não precisamos receber de nossos superiores ou da comunidade, Deus já nos deu, e devemos ser gratos por isso.

Mas na Regra, o termo *infirmitas*, *infirmus*, não se limita à fragilidade da doença ou da constituição física dos monges. O termo também é utilizado, e, talvez sobretudo, para a fragilidade moral. Mas antes de estudar estas passagens da Regra, é melhor concluir a questão da fragilidade física, mencionando outros dois termos que São Bento utiliza para descrever este tipo de fragilidade.

Desejo enfatizar, que não faço este estudo com vocês, para instruir sobre o vocabulário latino, mas para ser mais conscientes da extrema sensibilidade que São Bento tinha em relação a fragilidade humana e, portanto, para aprender com ele e pela Regra, a viver esta sensibilidade, a ter este olhar sobre o homem, que, como veremos, é um olhar de misericórdia, isto é, o olhar de Deus.

Um termo interessante para designar a fragilidade é o termo *debilis*, do qual no português deriva "débil". A etimologia não é simples como se pode pensar, e há várias interpretações, mas acreditamos que a mais simples, se refere à falta de *habilitas*, ou seja, o não possuir ou o ter perdido a habilidade de fazer algo.

No capítulo 27, a Regra utiliza o termo, citando o profeta Ezequiel: "o que vós gordo assumíeis e o que era fraco (*debile*) lançáveis fora" (RB 27,7; Ez 34,3-4). Mas aqui se fala de fraqueza moral, a das ovelhas perdidas, que o abade deve amar e procurar.

Nos capítulos 36 e 39, no entanto, este adjetivo é usado para descrever a fraqueza dos enfermos mais graves, que precisam de ainda mais atenção. Permite-se de comer carne "aos enfermos muito enfraquecidos – *infirmis omnino debilibus*" (36,9). No Capítulo 39 retorna a mesma ideia: a carne de quadrúpedes, que é absolutamente proibida a todos (*omnimodo ab omnibus*), é permitida aos enfermos muito enfraquecidos (*omnino debiles aegrotos*) (39,11).

Sempre manifesta-se a humanidade de São Bento, que é uma humanidade misericordiosa. É um asceta que há princípios muito claros e exigentes, mas diante da fraqueza, da necessidade, da fragilidade, deixa cair imediata e integralmente os princípios, para cuidar e dar apoio ao irmão fraco, para que possa recuperar a força da vitalidade. "*Pro reparatione* – para que se recuperem", diz para justificar a concessão da carne aos enfermos (36,9).

A Regra nos quer educar para sermos "bons samaritanos", que param para olhar e cuidar dos irmãos frágeis; não para ser como o sacerdote e o levita que, a causa de seus princípios religiosos, não pararam e não tiveram misericórdia do homem ferido, em meio a estrada.